

## APROFUNDAMENTO DA FICHA 4

### 4. Para além da coerência, o relacionamento com uma Presença

*Estas cartas contam factos muito simples; em todas elas se vê como muda a forma de viver a escola, as férias e o estudo, não tanto graças a capacidades impressionantes, mas porque, como aconteceu a Pedro com Jesus, a relação com a Sua presença, através da realidade concreta da comunidade dos Liceus, faz erguer o olhar.*

No início deste último ano de liceu tive a enorme possibilidade de estreitar uma nova e, diria, especial, amizade, uma correspondência com uma distância de mais de 2000 anos, com um já ancião e defunto literato da antiga Roma, Lucrécio.

Inicialmente esta estranha personagem não me tinha inspirado especial simpatia, mas aconteceu que durante uma aula lemos um texto no qual ele contava como é que os nobres romanos, e os homens em geral, viviam as suas vidas no tédio e procuravam pôr-lhe remédio mudando repetidamente de lugar e perseguindo sempre alguma coisa nova para lhes ocupar o tempo, sem porém encontrar uma solução.

Se os homens, da mesma maneira como sentem o peso que cresce na sua alma e os tormenta e os oprime, pudessem conhecer também as causas pelas quais isso acontece, e por que razão aquele fardo de dor subsiste imutável no coração, não tratariam a vida assim, como agora muitas vezes os vemos fazer, sem saberem o que desejam, e procurando sempre mudar de lugar na ilusão de encontrar alívio.

Aquele que em casa é tomado pelo tédio, sai frequentemente dos seus sumptuosos aposentos, mas logo a eles regressa, porque se deu conta de que lá fora não há nada melhor. Com fúria, esporeando os cavalos, corre ansioso para a sua casa de campo, como se tivesse que ir prestar socorro a uma casa em chamas; mas mal toca na soleira, bem depressa boceja ou se refugia inerte no sono e procura o esquecimento, ou regressa mesmo apressadamente para ver a cidade que deixou.

Assim, cada um tenta fugir de si mesmo, mas a este si mesmo, do qual é natural que não possa afastar-se, continua preso e mais sente dor e o odeia, porque embora estando doente não compreende a causa do mal. Se pudesse identificá-la com clareza, deixando de lado tudo o resto, procuraria em primeiro lugar conhecer as leis da natureza, pois não está aqui em jogo apenas uma hora, mas o tempo perpétuo em que os mortais terão de passar, depois de mortos, a idade que os espera, qualquer que ela seja».

(Lucrezio, *De rerum natura*, III, vv. 1053-1075)

Lucrécio escreveu isto para demonstrar como é que a filosofia epicurista podia resolver o problema da vida, propondo a anulação dos males e das inquietações, tornando o homem capaz de se bastar a si mesmo. Isto tocou-me muito: um homem, à distância de séculos, viveu a mesma situação do que eu, deu-se conta, ele também, de que falta alguma coisa à vida, de que tudo pode ser um tédio, uma inquietação que nos obriga a fugir de nós mesmos.

Eu, porém, não quero anular esta inquietação. Levá-la a sério, manter vivo este desejo, dá trabalho, porque implica estar atenta às aulas, estudar em casa, aprofundar, mas conduz também a uma alegria maior, porque mostra como a realidade é uma contínua descoberta e como ela é mesmo feita para nós. »

» Quando voltei para casa depois da aula, pus-me a estudar com mais paixão: já não considerava Lucrécio como um velho que não tinha nada para fazer, a não ser escrever textos por despeito por nós, pobres alunos, mas como um amigo, um amigo cuja diferença pode ser uma riqueza para mim.

Caterina, Desio

Este ano foi para mim um ano cheio de mudanças. As primeiras aconteceram na escola, quando soube que iríamos mudar de professor de filosofia e de história. Inicialmente estava um pouco aterrorizada com a ideia, mas ainda assim pensava que seria uma oportunidade para recomeçar, para tirar de cima de mim a etiqueta que o professor me tinha colado no ano anterior. Na Escola de comunidade via muitas vezes que os meus amigos conseguiam viver o estudo não como um peso, mas com paixão, conseguiam viver realmente aquilo que lhes era posto à frente, a partir da escola. Eu nunca tinha percebido como é que eles faziam para ver o professor atrás da secretária como uma pessoa; não percebia, até que este ano conheci a nova professora de filosofia. No primeiro dia de aulas, chamou-nos um por um para saber de nós e depois falou também um pouco de si. Como trabalho de casa, pediu-nos para escrever um texto sobre «Quem sou eu» ou sobre «A procura da felicidade»; assim, escolhi o tema «Quem sou eu», mas não o fiz verdadeiramente, porque acabou por sair uma coisa fingida e forçada.

Apesar disso, no dia seguinte entreguei-o. Quando a professora nos trouxe os textos lidos e corrigidos, apercebi-me de que tinha escrito comentários pessoais em todos; em todos menos no meu. Naquele momento, percebi que ela tinha escrito um juízo aos meus colegas porque tinham conseguido dizer quem eram, ao passo que eu não o sabia fazer. Senti então inveja dos meus colegas, desejava ardentemente estar no seu lugar, tinha o desejo de perceber quem era verdadeiramente. Na quarta-feira seguinte, falei disto na Escola de comunidade e os meus amigos e a minha responsável, mais do que ficarem escandalizados pelo sentimento de inveja que eu tinha tido para com os meus colegas, ficaram contentes pelo desejo que tinham visto nascer em mim. Aconselharam-me a falar com a minha professora e a agradecer-lhe por me ter provocado e despertado este desejo. E assim, segui o conselho deles. Depois de ter falado com a minha professora, ela agradeceu-me e ali, pela primeira vez, senti-me eu mesma, sem nenhuma máscara. Quando depois, passado pouco mais de uma semana, me fez uma chamada oral e tive seis e meio, eu, com grande espanto meu, em vez de me queixar como é costume porque «podia dar-me sete», senti-me livre.

Elisabetta, Palermo

Nesta ponte estive em casa de uma amiga em Parma: convidou-me um pouco à última da hora e eu não conhecia nenhuma das raparigas, mais novas do que eu, mas ainda assim decidi ir. O que me surpreendeu foi o que aconteceu na segunda de manhã: estávamos as nove a estudar à volta da mesa, em silêncio. Eu estava muito absorvida no meu estudo, mas levantei por um momento os olhos e olhei para cada uma, atentas ao que estavam a fazer. Olhando simplesmente para aqueles rostos, que não conhecia até ao dia anterior, recomecei a estudar amando aquilo que lia, amando o facto que me tinha sido dado e que tinha a ver comigo. Sempre encarei o estudo como um peso, que me causava ansiedade e que tinha que fazer para passar as minhas tardes. Não sei o que mudou naquele momento, mas sei que a condição em que me encontrava me tornou capaz de apreciar o livro que tinha à minha frente. »

» Penso que as amizades que te fazem desejar amar coisas como o estudo, são as mais verdadeiras, as que te ajudam mais. Às vezes não serve para nada estar a falar disto e daquilo; naquele momento descobri que me foi útil estar em silêncio e simplesmente estar próxima das minhas amigas, que faziam a mesma coisa que eu, e ajudarmo-nos nesse caminho. Estou grata por aquilo que me aconteceu. Sei que de agora em diante não será sempre assim com os trabalhos de casa, ainda terei dificuldades, mas agora estou certa de onde tenho de voltar para estudar de uma determinada maneira, tenho um ponto do qual recomeçar. Agradei à amiga que, ao convidar-me, me deu a possibilidade de passar aqueles dias com ela, em vez de estar em Milão e deixar que me escapassem as coisas que estudava. Sem ela, não teria feito esta descoberta que me fez crescer num âmbito que toda a gente desvaloriza muitas vezes.

Sofia, Milão